

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER



HISTÓRIA DE  
MARICOTA

Pelo Espírito de CASIMIRO CUNHA

\*

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

DEPARTAMENTO EDITORIAL

Rua Souza Valente, 17

20941-040 – Rio – RJ – Brasil

**6ª edição**

Do 46º ao 55º milheiro

Arte de

LUIZ CÉSAR ALVARENGA

B.N. 7.715

52-BB; 000.01- O; 12/1992

*Copyright 1946 by*

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

*(Casa-Mártir do Espiritismo)*

Av. L-2 Norte – Q. 603 – Conjunto F

70830-030 – Brasília DF – Brasil

*Composição, fotolitos e impressão offset das*

*Oficinas do Departamento Gráfico da FEB*

*Rua Souza Valente, 17*

*20941-04-0- Rio-RJ – Brasil*

*C.G.C. n° 33.644.85710002-84      I.E n° 81.600.503*

*Impresso no Brasil*

PRESITA EM BRAZIL

## INDICE

*Aos amigos pequeninos*

- I. Maricota Serelepe
- II. Malcriada
- III. Indisciplinada
- IV. Vadia
- V. Preguiçosa
- VI. Maldosa
- VII. Desviada
- VIII. Morta
- IX. Aflita
- X. Castigada
- XI. Atormentada
- XII. Suplicante
- XIII. Amparada
- XIV. Corrigida

## **AOS AMIGOS PEQUENINOS:**

**Meu amigo pequenino,  
Que já pensa que já lê,  
Nosso Pai que está nos Céus  
Tudo sabe tudo vê.**

**Seu braço forte e invisível  
Protege-nos, de mansinho;  
Em qualquer lugar do mundo,  
Ninguém estará sozinho.**

**Muito cedo, manhãzinha,  
Quando a luz do dia escorre,  
Escapa você da cama  
E Ele sabe o que lhe ocorre.**

**Escuta-lhe as orações  
De graça, louvor e fé...  
Vê seu pente, sua escova,  
Sua roupa, seu café.**

**Ouve tudo quanto diz  
À querida mamãezinha.  
Segue-o de perto, na sala,  
No banheiro, na cozinha.**

**Acompanha-lhe, bondoso,  
Os estudos e os brinquedos;**

Para seus olhos divinos,  
Não há sombras, nem segredos.

Observa, atentamente,  
Suas palavras e ações,  
No lar e na escola amiga,  
Na rua e nas refeições.

Sorri contente e feliz,  
Por encontrá-lo no bem;  
Mas, se você faz o mal,  
Lamenta como ninguém.

Conforme agimos na vida,  
Concede-nos de seus dons;  
Se dá corrigenda aos maus,  
Premia a conforta os bons.  
Trabalhe e estude contente,  
Sem descuidos de você.  
Não se esqueça meu pequeno,  
Que Deus tudo sabe e vê.

**CASIMIRO CUNHA**

**Pedro Leopoldo, 14 de agosto de 1946**

## I

### MARICOTA SERELEPE

Maricota Serelepe  
Era menina travessa...  
Não havia disciplina  
Que lhe dobrasse a cabeça.

Gostava de más respostas.  
Na escola, em casa, nas ruas,  
Vivia desordenada  
A fazer sempre das suas.

Em vão, ganhava conselhos  
Dos amigos para o bem.  
Maricota Serelepe  
Não atendia a ninguém.

Não era apenas sapeca;  
Fugia a qualquer dever.  
Vivia a brutalidade,  
Fazia o mal por prazer.

## II

### MALCRIADA

A mãe aconselhava:  
- Minha filha, veja lá!  
O Céu castiga a menina  
Que se faz grosseira e má.

A pequena respondia:  
- A senhora nada sabe.  
Concluindo num cochicho:  
- Gente velha que se acabe.

A professora também  
Lhe falava, com carinho:  
- Maricota, minha filha,  
Não saia do bom caminho!

A aluna desrespeitosa  
Dizia cabeça tonta:

- O que eu fizer professora,  
Não será de sua conta...

### III

## INDISCIPLINADA

Aos onze anos bem-feitos,  
Agindo e vivendo às cegas,  
A menina endiabrada  
Era o terror dos colegas.

Desprezava os bons avisos.  
Por mais se lhe castigasse,  
Resistia às punições,  
Perturbando toda a classe.

Rasgava livros, cadernos,  
Esvaziava tinteiros,  
Lançando borrões escuros  
À roupa dos companheiros.

Tanto fez, tanto saltou  
A endiabrada menina,  
Que foi expulsa, mais tarde,  
Em favor da disciplina.

### IV

## VADIA

Desde então, ficou sabendo  
A vadiagem de cor;  
Sem conselhos e sem livros,  
Ficou pior, bem pior!...

Dizia, à mamãe bondosa,  
Que prosseguia a estudar,  
Mas punha-se, em plena rua,  
A mentir e perturbar.

Não lhe chegavam agora  
As horas grandes do dia.  
Depois de fechada a noite,  
A endiabrada fugia...

Apreendeu na malandragem  
O furto, o assovio, a vaia;  
Em breve tempo, encontrou  
Meninos de sua laia.

## V

### **PREGUIÇOSA**

Escapulindo ao trabalho,  
Expulso dos bens da escola,  
Fazia-se pobrezinha,  
Saindo a pedir esmola.

Enganava os transeuntes,  
Prendendo-lhes a atenção;  
Xingava o trabalho sério  
E tinha horror ao sabão.

Como o pássaro ocioso,  
Que a todo dia se atrasa,  
Maricota Serelepe  
Raramente vinha a casa.

A mãe bondosa rogava  
Mais cautela, mais juízo,  
Mas a menina exclamava:  
- De conselhos não preciso!

## VI

### **MALCRIADA**

Atacava os cães amigos  
A vozerio e pancadas;  
Tratava todo gatinho  
A brasa viva ou pedradas.

Se avistava a palha seca  
Da casa dos passarinhos,  
Não hesitava um minuto:  
Vibrava golpes nos ninhos.

Matava filhotes tenros



Com grosseria sem-nome;  
Prendia as aves canoras,  
Exterminando-as à fome.

Se passava no terreiro,  
A galinhada fugia,  
Sabendo que Maricota  
Vibrava pancadaria.

## VII

### DESVIADA

De rua em rua, a esconder-se,  
A menina, a passo curto,  
Era um demônio pequeno,  
Exercitado no furto.

Varando portas estreitas,  
Pulando grandes janelas,  
E burlar as sentinelas.

Espreitava nas quitandas  
O instante exato das vendas,  
Para assaltar os meninos  
Carregados de encomendas.

Fosse qual fosse o momento,  
Horas claras ou sombrias,  
Roubava doces, brinquedos,  
De lojas e padarias,

## VIII

### MORTA

Um dia, furtando jóias,  
Maricota teve a mão,  
Que se agitava com pressa,  
Mordida de escorpião.

Era o castigo final,  
À maldade, à rebeldia;  
Maricota Serelepe  
Caiu em breve agonia.

Pilhada por delinqüente,  
A menina envenenada  
Foi conduzida ao socorro,  
Deprimida, envergonhada.

Não lhe valeu, todavia,  
O tratamento mais forte...  
Findo o dia doloroso,  
Em ânsias, rendeu-se à morte.

## IX

### AFLITA

Distante do corpo frio,  
Maricota, sem repouso,  
Notou que a morte era um anjo  
De olhar terno e carinhoso...

Ajoelhou-se a coitada,  
Chorou e pediu assim:  
- Mensageiro da Bondade,  
Compadece de mim!...

- Minha filha – disse ele -  
Desejava auxiliar,  
Mas, há monstros que te buscam,  
Chegando de toda a parte.

Depois de um minuto longo,  
Afirmou, cheio de dor:  
- Ah! Filha repara em torno,  
Pede o perdão do Senhor.

## X

### CATIGADA

Maricota não mais viu  
A luz do emissário santo;  
Olhando em redor gritava,  
Tomada de enorme espanto.

Buscava correr em vão...

Oh! Não, não queria ouvi-lo!  
Eram serpentes, dragões,  
Lagartos e crocodilos.

Os monstros, porém, chegavam...  
Um deles, grande inimigo,  
Disse a ela: - “Maricota,  
Agora estamos contigo.

Somos filhos da maldade  
- Prosseguiu forte e iracundo -,  
Do furto e da vadiagem  
Que procuravas no mundo.”

## XI

### ATORMENTADA

- Deixem-me, monstros! – pedia  
A pobrezinha, a chorar;  
Mas os lagartos e as cobras  
Puseram-se a gargalhar.

- Deixá-la? – disse o maior –  
Teu pedido não nos vence,  
Tua vida, Maricota,  
Desde muito, nos pertence.

Ajudamos-te a roubar,  
A vadiar, a fingir...  
Agora, és nossa, bem, nossa,  
Não podes escapulir.

- Oh! Que horror! – disse a infeliz.  
Ninguém para consolá-la!...  
E os monstros a acompanhá-la...

## XII

### SUPPLICANTE

Longos dias, longas noites,  
Maricota, em aflição,  
Atravessou negros vales,  
Gritando e chorando em vão.

Precipitou-se em abismos,  
Sem esperanças e sem paz,  
Chamava, seguindo à frente,  
E os monstros seguindo atrás...

Sentiu sede, sentiu fome,  
Na jornada em correria...  
Quanto tempo a padecer?  
Maricota não sabia...

Depois de muita oração,  
Na angústia do cativo,  
Jesus, o Divino Amigo,  
Enviou-lhe um mensageiro.

### **XIII**

## **ANSIOSA**

Tão logo veio o emissário  
De socorro e salvação,  
Os monstros, espavoridos,  
Mudaram de direção.

A menina, arrependida,  
Ajoelhou-e, entre ais,  
E exclamou: anjo Divino,  
Socorro! Não posso mais!...

Tenho chorado e sofrido,  
Atormentada de dor.  
Por piedade! Salvai-me!  
Daí-me o Céu do Deus de Amor!...

Fitando de olhar dorido,  
O azul e estrelado véu,  
Suplicava compungida:  
- Daí-me a luz da paz do Céu!...

### **XIV**

## **AMPARADA**

O Anjo amoroso afagou-a,

Dizendo com caridade:  
- Em nome da Providência,  
Devolvo-te a liberdade.

Mas, ouve minha menina:  
Se queres luz, agasalho,  
Não podes entrar no Céu.  
Sem a bênção do trabalho.

Viveste pela maldade,  
Sem respeito, sem carinho,  
Não ouviste os bons conselhos,  
Fugiste do bom caminho.

Aceitas a corrigenda  
Do Pai bondoso e perfeito?  
Maricota, ajoelhada,  
Em pranto, exclamou: Aceito!

## **XV**

### **CORRIGENDA**

Foi então que apareceu,  
De feia e enorme estatura,  
Um zelador de crianças:  
O Gigante Mão Segura.

O mensageiro do Cristo  
Explicou-lhe: Esta menina  
Necessita recolher-se  
Aos campos de disciplina.

Até que se regenere,  
Dê-lhe recursos de emenda.  
Praticou muita maldade,  
Precisa de corrigenda.

Nesse instante, Maricota  
Foi levada, em aflição,  
Para um campo escuro e triste  
De serviço e de prisão.

